



Revista Brasileira de Enfermagem

ISSN: 0034-7167

reben@abennacional.org.br

Associação Brasileira de Enfermagem
Brasil

Langona Montanholi, Liciane; Santos Tavares, Darlene M. dos; Ribeiro de Oliveira, Gabriela
Estresse: fatores de risco no trabalho do enfermeiro hospitalar
Revista Brasileira de Enfermagem, vol. 59, núm. 5, septiembre-octubre, 2006, pp. 661-665
Associação Brasileira de Enfermagem
Brasília, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=267019619013>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Estresse: fatores de risco no trabalho do enfermeiro hospitalar

Stress: risk factors on hospital nurse's work

Estrés: factores de riesgo en el trabajo del enfermero hospitalar

Liciane Langona Montanholi

*Acadêmica do VIII período de Graduação de
Enfermagem da Faculdade de Medicina do
Triângulo Mineiro, Uberaba, MG.*

Darlene M. dos Santos Tavares

*Acadêmica do VIII período de Graduação de
Enfermagem da Faculdade de Medicina do
Triângulo Mineiro, Uberaba, MG.*

Gabriela Ribeiro de Oliveira

*Enfermeira. Doutora em Enfermagem.
Professora Adjunto do Centro de Graduação
em Enfermagem da Faculdade de Medicina
do Triângulo Mineiro, Uberaba, MG.*

RESUMO

Os objetivos deste estudo foram descrever as características sócio-demográficas e de trabalho da população estudada e identificar a variável que apresenta maior risco para o estresse. A população, constituída por 85,7% de enfermeiros trabalhadores de um hospital, responderam a escala de estresse. Os dados foram analisados utilizando-se distribuição de frequência, risco relativo e teste χ^2 ($p < 0,05$). São do sexo feminino 87,5% dos enfermeiros; 33,4% trabalham de 10 a 15 anos e 45,8% possuem duplo vínculo. Enfrentar situações críticas foi a variável com maior risco para o estresse. Verificou-se que quanto maior a faixa etária dos enfermeiros maior o estresse para o gerenciamento de pessoal.

Descritores: Estresse; Fatores de risco; Enfermagem.

ABSTRACT

This study aimed at describing the demographic-social features and the working of the studied population and to identify the variable that presents major risks for the stress. The populations was constituted of 85.1% of nurses workers from a hospital. They answered to the stress scale. Data were analyzed using distribution frequency, relative risk and test χ^2 ($p < 0.05$). 87.5% of nurses are female, 33.4% work from 10 a 15 years and 45.8% have double vinculum of work. Facing critical situations was the variable with major risk for stress. It was verified that how bigger is the zone age of nurses bigger will be the stress for the personal management.

Descriptors: Stress; Risk factors; Nursing.

RESUMEN

Los objetivos de este estudio fueron describir las características sócio-demográficas y de trabajo. En la población estudiada la variable que presenta mayor riesgo para el estrés. La población fue constituída por 85.7% de enfermeros de un hospital que respondieron la escala de estrés. Los datos fueron analizados utilizándose distribución de frecuencia, riesgo relativo y test χ^2 ($p < 0,05$). Son del sexo femenino 87.5% de los enfermeiros; 33.45 trabajan de 10 a 15 años y 45.8% poseen doble vínculo. Enfrentar situaciones críticas fue la variable con mayor riesgo para el estrés. Se verificó que cuanto mayor sea el rango de los enfermeros, mayor el estrés para el gerenciamento del personal.

Descriptores: Estrés; Factores de riesgo; Enfermería.

Montanholi LL, Tavares DMS, Oliveira GR. Estresse: fatores de risco no trabalho do enfermeiro hospitalar. Rev Bras Enferm 2006 set-out; 59(5): 661-5.

1. INTRODUÇÃO

O estresse é resultante da percepção entre a discordância das exigências de determinada tarefa e os recursos pessoais para cumpri-las. Uma pessoa pode sentir tal discordância como desafio e, em consequência, reagir dedicando-se à tarefa. Ao contrário, se a discordância é percebida como ameaçadora, o trabalhador enfrentará uma situação estressante negativa, que poderá conduzi-lo a evitar a tarefa⁽¹⁾.

Os principais sintomas de estresse, destacados por Candeias⁽²⁾, são: suor, calores, dor de cabeça, tensão muscular, alteração no batimento cardíaco, dores de estômago, colite e irritação. O estresse pode também se refletir em atrasos, insatisfação, sabotagem e baixos níveis de desempenho no trabalho⁽³⁾. Com isso, haverá uma diminuição da qualidade do serviço prestado, afetando não apenas a população atendida, mas também a saúde e a qualidade de vida do trabalhador.

Concemente à enfermagem, o estresse está presente no seu cotidiano desde tempos remotos. Uma das características marcantes da profissão foi a divisão social do trabalho⁽⁴⁾. Na maioria das vezes, o enfermeiro

é responsável pelo gerenciamento do cuidado e da unidade e, os técnicos e auxiliares de enfermagem pelo cuidado direto ao cliente. Desta forma, há uma cisão entre os momentos de concepção e execução do cuidado⁽⁵⁾.

Outros fatores, próprios da tarefa da enfermagem, são considerados fontes de estresse, como as exigências em excesso e as diferentes opiniões entre os colegas de trabalho⁽⁶⁾. Além disso, a enfermagem enfrenta uma sobrecarga tanto quantitativa evidenciada pela responsabilidade por mais de um setor hospitalar, quanto qualitativa verificada na complexidade das relações humanas, por exemplo, enfermeiro/cliente, enfermeiro/profissional de saúde; enfermeiro/familiares.

Os enfermeiros cuidam de clientes e familiares e, às vezes, pelas contingências do cotidiano, esquecem de se preocupar com sua qualidade de vida, em especial com sua saúde. Neste contexto, destaca-se a dupla jornada de trabalho, vivenciada por grande parte destes profissionais, que de certa forma, acaba por favorecer a diminuição do tempo dedicado ao auto-cuidado e ao lazer, potencializando o cansaço e, conseqüentemente, gerando o estresse.

Profissionais que trabalham com pessoas em sofrimento, como é o caso dos enfermeiros, vivenciam freqüentemente situações de estresse, visto que os problemas nem sempre são solucionados imediatamente e com facilidade⁽⁷⁾.

Ademais, cada setor submete o enfermeiro a um grau variado de estresse, como se pode notar no Centro de Terapia Intensiva (CTI). As suas características intrínsecas, como a rotina do trabalho mais acelerada, o clima constante de apreensão e a situação de morte iminente, acabam por exacerbar o estado de estresse⁽⁸⁾.

Outro fator estressante está relacionado com o turno de trabalho. As jornadas noturnas podem levar ao desconforto e mal-estar. O sono diurno posterior ao trabalho noturno sofre grandes perturbações, tanto na sua estrutura interna quanto na sua duração. Sabe-se, também, que o primeiro sono noturno após um período de trabalho noturno não apresenta suas características específicas⁽⁹⁾.

Os fatores intrínsecos da profissão, descritos acima, em conjunto com os institucionais, podem levar a subutilização das capacidades ou desvalorização do trabalhador, expressa na sua baixa estima. Desta forma, o enfermeiro pode vivenciar um quadro de estresse, o que o deixará mais susceptível a apresentar distúrbios relacionados ao seu bem estar e à sua saúde. Assim, o enfermeiro deve buscar mecanismos que visem minimizar as fontes geradoras de estresse.

Desta forma, através do conhecimento dos principais fatores de risco para o estresse, é possível desenvolver atividades coletivas no trabalho, com vistas a diminuir o estresse, promover a saúde dos trabalhadores em enfermagem e melhorar a qualidade de assistência prestada à população.

2. OBJETIVOS

- Descrever as características da população estudada segundo as variáveis: sexo, faixa etária, tempo de trabalho, atividade funcional, setor de trabalho, qualificação profissional, turno de trabalho e jornada,

- Identificar a influência das variáveis: sexo, turno, outro vínculo empregatício, tempo de trabalho na instituição, faixa etária, setor de trabalho, com risco para estresse e

- Descrever os principais fatores de risco para o estresse, a que estão submetidos os enfermeiros de um Hospital Escola, segundo variáveis: conflito de funções, sobrecarga de trabalho, relacionamento interpessoal, gerenciamento de pessoal e situações críticas.

3. METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo, transversal e observacional.

A amostra populacional foi constituída por enfermeiros que trabalham no Hospital Escola da Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro.

O hospital, acima citado, localiza-se no interior de MG, constituindo-se no principal centro de atendimento hospitalar da região. É um hospital geral, de grande porte, com 250 leitos, distribuídos em unidades de internação e têm no seu quadro 58 enfermeiros. Está vinculado a uma autarquia federal e tem

como finalidade desenvolver e apoiar as atividades de ensino, pesquisa e extensão, visando contribuir para a formação e qualificação profissional, geração de novos conhecimentos e tecnologias, na área de saúde e difusão de conhecimentos e tecnologias⁽¹⁰⁾.

Para proceder a coleta dos dados foram agendados encontros com os enfermeiros no Hospital Escola, de acordo com suas preferências. Utilizou-se a escala de estresse no local de trabalho adaptada por Lautert et al⁽¹¹⁾, que contempla as variáveis: conflito de funções, sobrecarga de trabalho, relacionamento interpessoal e situações críticas. As alternativas de resposta eram: ausência de estresse (0 ponto), pouco estresse (1 ponto), estresse moderado (2 pontos), muito estresse (3 pontos), estresse máximo (4 pontos) e não se aplica.

Após a coleta dos dados, construiu-se banco de dados no programa EPIINFO vs 6. A análise dos dados foi realizada através da distribuição de freqüência, cálculo do risco relativo (RR), entre estressados e não estressados para as variáveis sexo, turno, outro vínculo empregatício e teste χ^2 ($p < 0,05$) para as variáveis faixa etária, setor de trabalho, tempo de trabalho na instituição.

O cálculo da mediana geral, da escala, foi considerado ponto de corte para classificação dos enfermeiros. Desta forma, os enfermeiros foram classificados em estressados quando a mediana localizava-se acima do ponto de corte e, conseqüentemente, não estressados quando estava abaixo.

Posteriormente, para cada variável de interesse (conflito de funções, sobrecarga de trabalho, relacionamento interpessoal e situações críticas) foi calculada a mediana da escala, possibilitando, comparar com a mediana obtida nas respostas, identificando, assim, os fatores que causam maior estresse entre os enfermeiros estudados.

Este projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro, protocolo nº 386. O termo de consentimento livre e esclarecido foi obtido pelos pesquisadores, a partir da anuência dos sujeitos, dos esclarecimentos que se fizeram necessários e, somente após, iniciou-se a coleta dos dados.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1. Características da população estudada

Participaram deste estudo 85,7% dos enfermeiros que trabalham no Hospital Escola da Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro, sendo que o restante recusou-se a participar do estudo.

Quanto à distribuição entre os sexos, a maioria é do feminino (87,5%). Estudo realizado por Lima⁽¹²⁾, no centro cirúrgico, relata também a predominância do sexo feminino na enfermagem (84%). Estes resultados têm aderência à estatística nacional, na qual, as enfermeiras representam 99,9% dos profissionais da área⁽¹³⁾.

Referente a faixa etária, 50% dos enfermeiros encontram-se entre 20 |¼ 35 anos e a outra metade entre 35 |¼ 60 anos.

Verificou-se que 14,6% dos enfermeiros trabalham há menos de um ano neste hospital, 14,6% trabalham de 1 |¼ 5 anos, 16,6% trabalham de 5 |¼ 10 anos 33,4% entre 10 |¼ 15 anos, 10,4% de 15 |¼ 20 anos e 10,4% trabalham entre 20 |¼ 25 anos. Possivelmente a garantia de emprego proporcionada pelos concursos públicos e a possibilidade de melhoria salarial são fatores que estimulam o enfermeiro a manter o vínculo empregatício por tantos anos.

A atividade funcional com maior percentual é enfermeiro de setor (77,1%), seguido pelo coordenador de enfermagem (16,7%), gerente de enfermagem (4,2%) e diretor de enfermagem (2,1%). Neste hospital, o diretor de enfermagem é responsável pelo gerenciamento da equipe de enfermagem, resolvendo questões administrativas. O gerente de enfermagem se responsabiliza pelas questões administrativas dos setores e, em geral, permanece na diretoria de enfermagem. O coordenador de setor trabalha diretamente no setor, sendo responsável por gerenciar a equipe (escala mensal, treinamento de pessoal, dentre outras) e o enfermeiro do setor presta assistência de enfermagem juntamente com a equipe de enfermagem.

Concluíram Curso de Especialização *Lato Sensu* 70,8% dos enfermeiros e 29,2% possuem graduação. Em 1993, Aquino⁽⁴⁾ verificou que apenas 0,01% dos enfermeiros estudados tinha concluído curso de pós-graduação. Observa-se, portanto, o crescente aumento nos cursos de pós-graduação e do interesse dos enfermeiros em se aperfeiçoarem. A pós-graduação pode melhorar não apenas a assistência ao cliente, com também atenuar as fontes de estresse, pois o conhecimento pode gerar maior domínio da situação.

O local de trabalho foi subdividido em setor assistencial, no qual trabalha a maioria dos enfermeiros (83,4%) e setor administrativo. Os setores assistenciais foram subdivididos em: cuidados intensivos (CTI adulto, CTI pediátrico, UTI coronariana, PS adulto e PS infantil) com 25% dos enfermeiros; cuidados semi-intensivos (unidade de infecção hospitalar, berçário e bloco cirúrgico) representando 18,8% e cuidados intermediários (clínica médica e cirúrgica, neurologia, ortopedia, pediatria e ginecologia e obstetria) com 18,8% dos enfermeiros e 20,8% trabalham em dois ou mais setores.

No período diurno, trabalham 83,3% dos enfermeiros e 16,7% no período noturno. Destaca-se que todos os enfermeiros, do Hospital Escola, são responsáveis por dois ou mais setores no período noturno havendo, portanto, maior possibilidade de sobrecarga de trabalho neste período. O trabalho noturno apresenta peculiaridades, como as relatadas por Lima⁽¹²⁾. Este autor afirma que o maior percentual de funcionários que apresenta estado mental comprometido trabalha no período noturno, além disso, a maioria destes sente-se anormalmente irritados com pequenas coisas.

Verificou-se que 45,8% dos enfermeiros possuem outro vínculo empregatício, o que pode ser resultado da necessidade de complementação salarial. Dupla jornada de trabalho também é uma realidade vivenciada por 53,9% das trabalhadoras de enfermagem de um hospital público em Salvador, totalizando uma carga horária semanal de $45,7 \pm 19,5$ horas⁽¹⁴⁾.

A dupla jornada de trabalho, muitas vezes, leva por si só à sobrecarga de trabalho. Considerando que a maioria dos profissionais de enfermagem é mulher e a condição feminina, por sua vez, ainda agrega outras atividades no lar, ocorre um sinergismo dentre as atribuições desta profissional, que pode propiciar o estresse. Desta forma, a exigência em excesso, fonte geradora de estresse, leva à diminuição do rendimento da trabalhadora e do tempo dispensado para seu autocuidado e lazer. Formando-se, assim, uma situação em que o trabalho gera o estresse e diminuição do autocuidado pode gerar estresse crônico.

4.2. Fatores de risco para o estresse

Para identificar a influência das variáveis: sexo, turno, outro vínculo empregatício com risco para estresse foi calculada, inicialmente, a mediana geral da escala, como dito anteriormente, obtendo-se o valor de 98 pontos, considerado, então o ponto de corte para classificação entre estressados (acima de 98 pontos) e não estressados (abaixo de 98 pontos). Assim, verificou-se que 52% da população estudada foi classificada em estressada.

Após a classificação dos enfermeiros em estressados e não estressados, procedeu-se o cálculo do risco relativo. Os resultados mostraram que os enfermeiros classificados em estressados não teriam maior probabilidade de apresentarem esta condição em relação aos não estressados em razão das variáveis: sexo, turno e outro vínculo empregatício. Ou seja, o risco para o estresse não apresentou associação significativa para as variáveis referidas acima.

Quanto as variáveis: faixa etária, setor de trabalho e tempo de trabalho na instituição e sua relação com o risco de estresse, calculou-se o teste χ^2 . Os resultados evidenciaram que quanto maior a faixa etária dos enfermeiros, maior o risco de estresse no desenvolvimento da atividade gerenciamento de pessoal ($\chi^2 = 35$; $p = 0,00386$). Os demais variáveis não apresentaram associação significativa com o risco para o estresse.

Estudo realizado por Lautert, et al⁽¹¹⁾ avaliaram o estresse na atividade gerencial do enfermeiro e constataram que 48% dos sujeitos estudados referiram estresse para o desenvolvimento desse trabalho.

Buscando identificar os principais fatores de risco para o estresse de

acordo com as variáveis de interesse (situações críticas, sobrecarga de trabalho, relacionamento interpessoal, gerenciamento de pessoal e conflito de funções), calculou-se a mediana da escala e das respostas obtidas, apresentadas no quadro 1.

Variável	Mediana escala	Mediana das respostas
Situações Críticas	28	29
Sobrecarga de Trabalho	18	17,5
Relacionamento Interpessoal	20	16,5
Gerenciamento de Pessoal	16	15
Conflito de Funções	16	15

Quadro 1. Distribuição das medianas da escala e das medianas das respostas dos enfermeiros segundo as variáveis estudadas como potenciais para o estresse, entre enfermeiros de Hospital Escola, Uberaba, 2004.

Observa-se, no quadro 1, que a variável situações críticas, foi considerada a fonte geradora de estresse, pelos enfermeiros. A partir deste resultado passamos a descrever os itens estudados nesta variável que constituem as fontes geradoras de estresse, visualizadas no Gráfico 1.

Destacam-se os itens que mais 50% dos enfermeiros referiram como maiores fontes de estresse: enfrentar as crises (67%), sentir-se desvalorizado (63%); ter subordinados pouco competentes (58%), sentir-se só para tomar decisões (56%) e a remuneração (50%).

Sabe-se que, atualmente, a maioria dos hospitais universitários está passando por crise financeira, momento em que, por vezes, faltam recursos humanos e materiais para oferecer assistência digna ao ser humano.

Lautert⁽¹⁵⁾, ressalta que o hospital por se tratar de uma instituição que visa o cuidado e tratamento de problemas de saúde da população, imaginava-se que esses locais fossem capazes de oferecer condições adequadas para o exercício profissional. Mas, o que se observa são organizações exigentes, competitivas e burocráticas que acabam massificando os trabalhadores.

Tais fatores podem desencadear outras situações que contribuem com estresse vivenciado pela equipe de enfermagem, presente no ambiente hospitalar. Destaca-se que, nesta circunstância, o relacionamento interpessoal pode estar sendo prejudicado, quando se observam alguns itens que perpassam esta questão como: falta de poder e influência (40%); incompatibilidade com superior hierárquico (44%), subordinados pouco competentes (58%) e o fato dos enfermeiros sentirem-se só frente às tomadas de decisões (56%).

Além do estresse advindo do relacionamento entre a própria equipe de enfermagem, há também o estresse decorrente da interação com a equipe multiprofissional.

Segundo Araújo⁽¹⁴⁾ a enfermagem, regida pela lógica do cuidado, por vezes, ainda mantém-se subordinada à lógica da cura, exercida pelos médicos. O enfermeiro sendo o elo de ligação entre a equipe de enfermagem e a equipe médica, pode sofrer tensões decorrente de conflitos e atritos entre as equipes.

O sentimento de desvalorização referido por 63% dos enfermeiros está acima dos percentuais (58%) obtidos por Lima⁽¹²⁾. O referido autor afirma que aceitação do grupo é uma questão muito relevante para o profissional. De acordo com Rocha⁽⁶⁾ o relacionamento com os colegas de trabalho é um fator protetor para o estresse e o reconhecimento profissional gera satisfação no trabalho. Ademais, o uso constante da mente e o alto grau de responsabilidade estão relacionados ao incômodo e a fadiga.

Segundo Glima⁽¹⁶⁾, o estresse pode se agravar quanto menor for a autonomia do enfermeiro. A insatisfação no trabalho também pode influenciar no desenvolvimento das atividades diárias do enfermeiro, causar desânimo, falta de interesse e, por sua vez, gerar cada vez mais estresse⁽¹⁷⁾.

Interessante observar que o item nível de remuneração não ocupou o primeiro lugar como fonte de estresse, o mesmo ocorrendo com os dados encontrados por Rocha⁽⁶⁾. Destaca-se que aproximadamente 50% dos

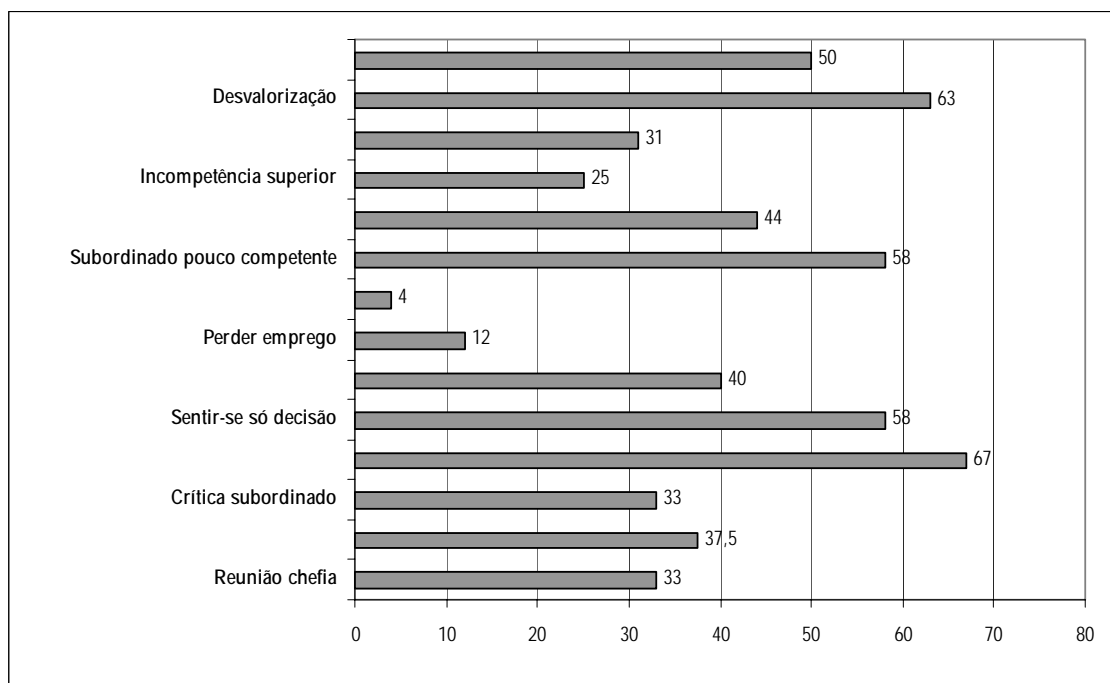


Gráfico 1. Distribuição percentual das respostas dos enfermeiros segundo os itens da variável "Situações críticas", Uberaba, 2004

enfermeiros que participaram deste estudo referem ter outro vínculo empregatício.

Ressalta-se que, apesar da política salarial imposta pelo Governo Federal, nos últimos anos, o enfermeiro do Hospital Escola tem tido maior preocupação com outras questões, destacadas acima, acerca do processo de trabalho em saúde.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os enfermeiros que participaram deste estudo são, na maioria, do sexo feminino, possuem de 20 a 35 anos, trabalham no hospital entre 10 a 15 anos, possuem Curso de Especialização *Lato Sensu*, são enfermeiros de setor, desenvolvem atividades assistenciais e trabalham no período diurno.

Verificou-se que 52% dos enfermeiros foram classificados como estressados, estando esta condição relacionada à função gerencial, conforme aumenta a faixa etária, e o enfrentamento de situações críticas.

Dentre as situações críticas, os itens considerados fatores de risco para o estresse destacam-se: enfrentar as crises e a remuneração. Considera-se que estes dois itens têm raízes nas questões macroeconômicas e estruturais do país. Nesta perspectiva, é de pouca governabilidade dos enfermeiros do Hospital Escola. É claro que ações podem ser feitas e têm sido realizadas como as gestões junto aos Governos Federais, Estaduais e Municipais, assim como as parcerias com a sociedade civil organizada

para o enfrentamento da crise hospitalar. Quanto à remuneração, são possíveis ações no sentido de organização, discussão e reflexão através das associações, sindicatos dentre outros fóruns, para a definição de propostas de encaminhamento. Contudo, são questões de resolução a médio e longo prazo.

Quanto aos itens sentir-se desvalorizado, ter subordinados pouco competentes e sentir-se só para tomar decisões, observa-se, em relação aos anteriores, maior governabilidade dos enfermeiros para minimizar tais fontes geradoras de estresse. A implementação de atividades de educação permanente com a equipe de enfermagem, abordando temas específicos de profissão, que necessitam de maior aprofundamento, humanização nas relações de trabalho, estudo de casos que contribuam na tomada de decisão e auto-estima, dentre outros, poderão contribuir para diminuição do estresse. Tais atividades devem ser desenvolvidas a partir da necessidade do grupo, ter aderência com a prática profissional e a equipe de enfermagem ser ator do processo de re-construção do conhecimento.

A dinamização do relacionamento da equipe de enfermagem, assim como da equipe multiprofissional poderá propiciar uma comunicação mais efetiva e, é possível que os enfermeiros sentir-se-ão mais valorizados, mais seguros no desempenho do seu trabalho, favorecendo, inclusive, o enfrentamento da crise e das situações adversas.

Desta forma, o enfermeiro estará promovendo sua saúde, o que poderá reverter também na atenção prestada à saúde da população atendida.

REFERÊNCIAS

- Seegers G, Van Elederen T. Examining a model of stress reactions of bank directors. Eur J Psych Assessment 1996; 212-23.
- Candeias NMF, Abujamara AMD, Sabbag SN. Stress em atendentes de enfermagem. Rev Bras Saúde Ocupacional 1992; 75(20).
- Ferreira Júnior M. Saúde no trabalho. 1ª ed. São Paulo (SP): Roca; 2000.
- Aquino EM, Araújo MJS, Menezes GMS, Marinho LFB. Saúde e trabalho de mulheres profissionais de enfermagem em um hospital público de Salvador, Bahia. Rev Bras Enferm 1993; 46(3/4): 245-7.
- Peduzzi M, Anselmi ML. O processo de trabalho de enfermagem: a cisão entre planejamento e execução do cuidado. Rev Bras Enferm 2002; 55: 392-8.
- Figueroa NL, Scbufer M, MuñozS R, Coria EA. Um instrumento para a avaliação de estressores psicossociais no contexto de emprego. Psicol: Reflexão e Crítica 2001; 14(3): 653-9.
- Domingos NAM, Miyazaki MCOS, Valério NI, Pucci FF. Estresse

- em funcionários de um Hospital Escola. HB científica 1996; 3(1).
8. Rocha LE, Glina DMR. Distúrbios Psíquicos relacionados ao trabalho. In: Saúde no Trabalho. São Paulo (SP): Roca; 2000. p. 320-50.
 9. Ferreira LL. Sono de trabalhadores em turnos alternantes. Rev Bras Saúde Ocupacional 1985; 13(51): 25-7.
 10. Simões ALA. Desenvolver o potencial de liderança: um desafio para o enfermeiro (tese). Ribeirão Preto (SP): Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo; 1991.
 11. Lauter L, Chaves EHB, Moura GMSS. O estresse na atividade gerencial do enfermeiro. Rev Panam de Salud Pública 1999; 6(6): 415-25.
 12. Lima EDR. Estresse ocupacional e a enfermagem de centro cirúrgico (dissertação). Belo Horizonte (MG): Escola de Enfermagem, Universidade Federal de Minas Gerais; 1997.
 13. Conselho Federal de Enfermagem. Estatística Anos Anteriores por estado sexo e categoria (on line) 2004. (citado em: 15 dez 2004). Disponível em: URL: <http://www.portalcofen.org.br>
 14. Araújo TM, Aquino EM, Menezes GMS. Aspectos psicossociais do trabalho e distúrbios psíquicos entre trabalhadoras de enfermagem. Rev Saúde Pública 2003; 37(4): 424-33.
 15. Lautert L. A sobrecarga de trabalho na percepção de enfermeiras que trabalham em hospital. Rev Gaúcha Enferm 1999; 20(2): 50-64.
 16. Glina DMR, Rocha LE, Batista ML, Mendonça MG. Saúde mental e trabalho: uma reflexão sobre o nexo com o trabalho e o diagnóstico, com base na prática. Cad Saúde Pública 2001; 17(3): 607-16.
 17. Silva A, Bianchi ERF. Estresse ocupacional da enfermeira de centro de material. Rev Esc Enferm USP 1992; 26(1): 65-74.
-

Estresse: fatores de risco no trabalho do enfermeiro hospitalar.